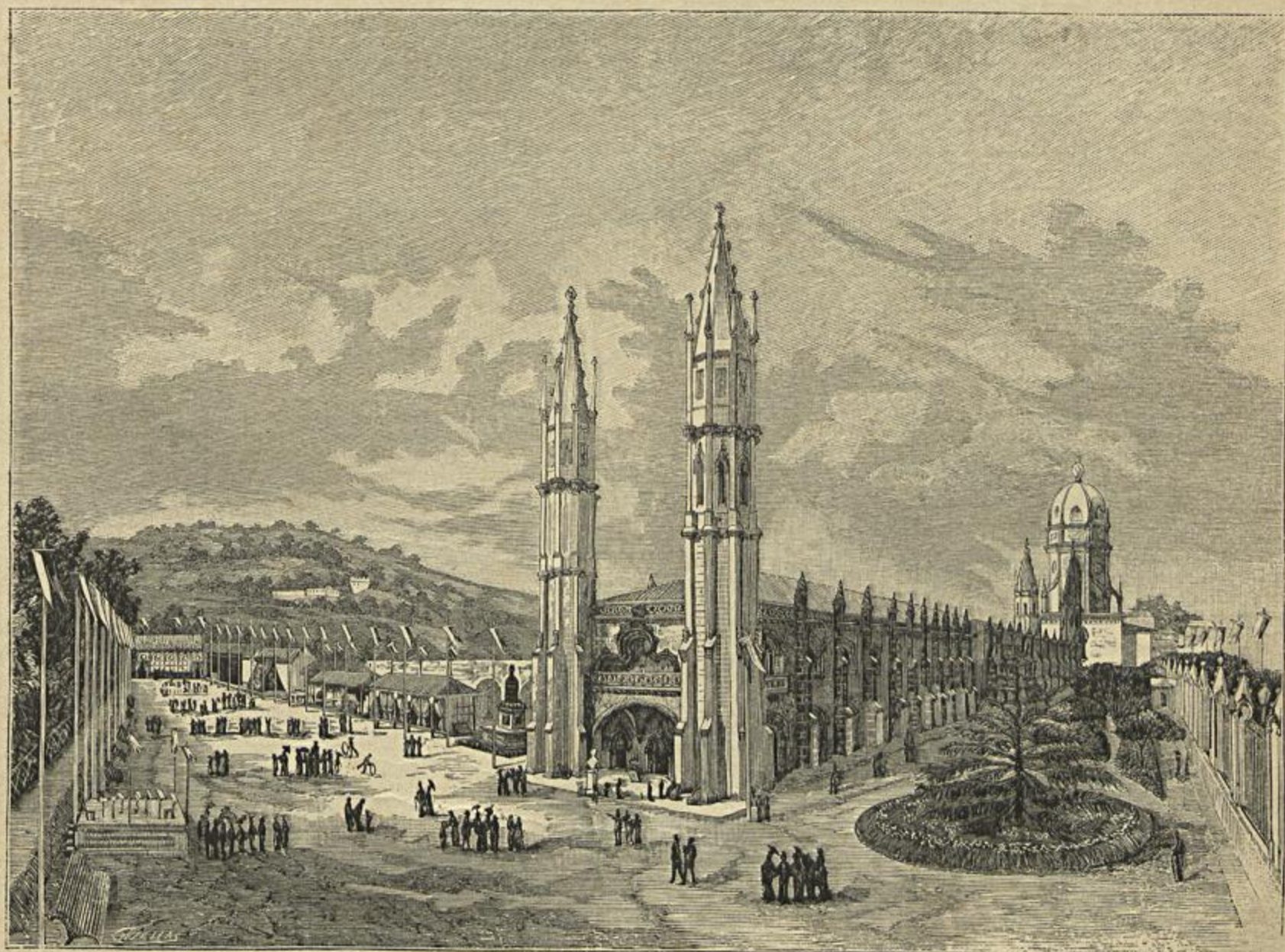


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 531	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	21 DE SETEMBRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA



VISTA GERAL DO EDIFÍCIO DA EXPOSIÇÃO E ANNEXOS
(Desenho do natural por Cazellas)

O CYCLONE NOS AÇORES

Foi, no dia 28 do passado mez de agosto que pairou sobre o grupo occidental das ilhas açorianas este terrível cyclone.

Foi a ilha Terceira uma das que mais soffreu causando o cyclone enormissimos prejuizos em muitas propriedades e victimando algumas pessoas. Na povoação de S. Matheus o vento destruiu vinte e sete casas e fez dar á costa o patacho *Segredos dos Açores*, sendo mesmo, a cidade invadida pelo mar. Dois pequenos hiates de nome *Santa Cruz* e *S. Bernardo* que tinham sahido da Terceira no dia 27 em direcção á ilha Graciosa, consideram se perdidos, pois que um foi visto n'essa memoravel manhã, ás sete horas *desgovernado* pedindo soccorro, sendo impossivel valer-lhe.

A velocidade do cyclone era de noventa kilometros por hora. O mar alteou se chegando as ondas a salvarem alturas de sessenta e setenta metros; não ha memoria d'um tal furor.

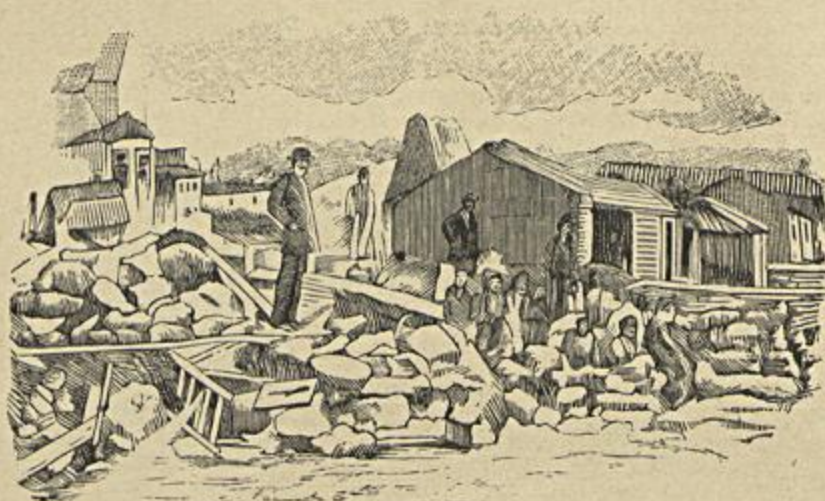
Em S. Matheus a estrada foi invadida n'uma grande extensão pelas aguas do mar, sendo grandes tambem as avarias e prejuizos causados.

Se nos voltamos para os campos sabemos terem soffrido bastante: derrubados os milhos, destruidas as hortas, perdido os fructos, despedaçadas as videiras, arrazadas muitas das habitações



RUINAS PRODUZIDAS PELO CYCLONE NA FREGUEZIA DE S. MATHEUS, ILHA TERCEIRA

(Copia de uma photographia do sr. Jacob Abohbot)



RUINAS PRODUZIDAS PELO CYCLONE NA FREGUEZIA DE S. MATHEUS, ILHA TERCEIRA

(Copia de uma photographia do sr. Jacob Abohbot)

Emfim, os terriveis effeitos do cyclone sentiram-se em toda a ilha. O aspecto da bahia de Angra, hem como o do porto de S. Matheus era medonho.

Este ultimo ficou completamente inutilizado, de forma tal, que aos maritimos se lhes tornou impossivel exercer a sua actividade no mar, que destruiu o forte *Negrilo*.

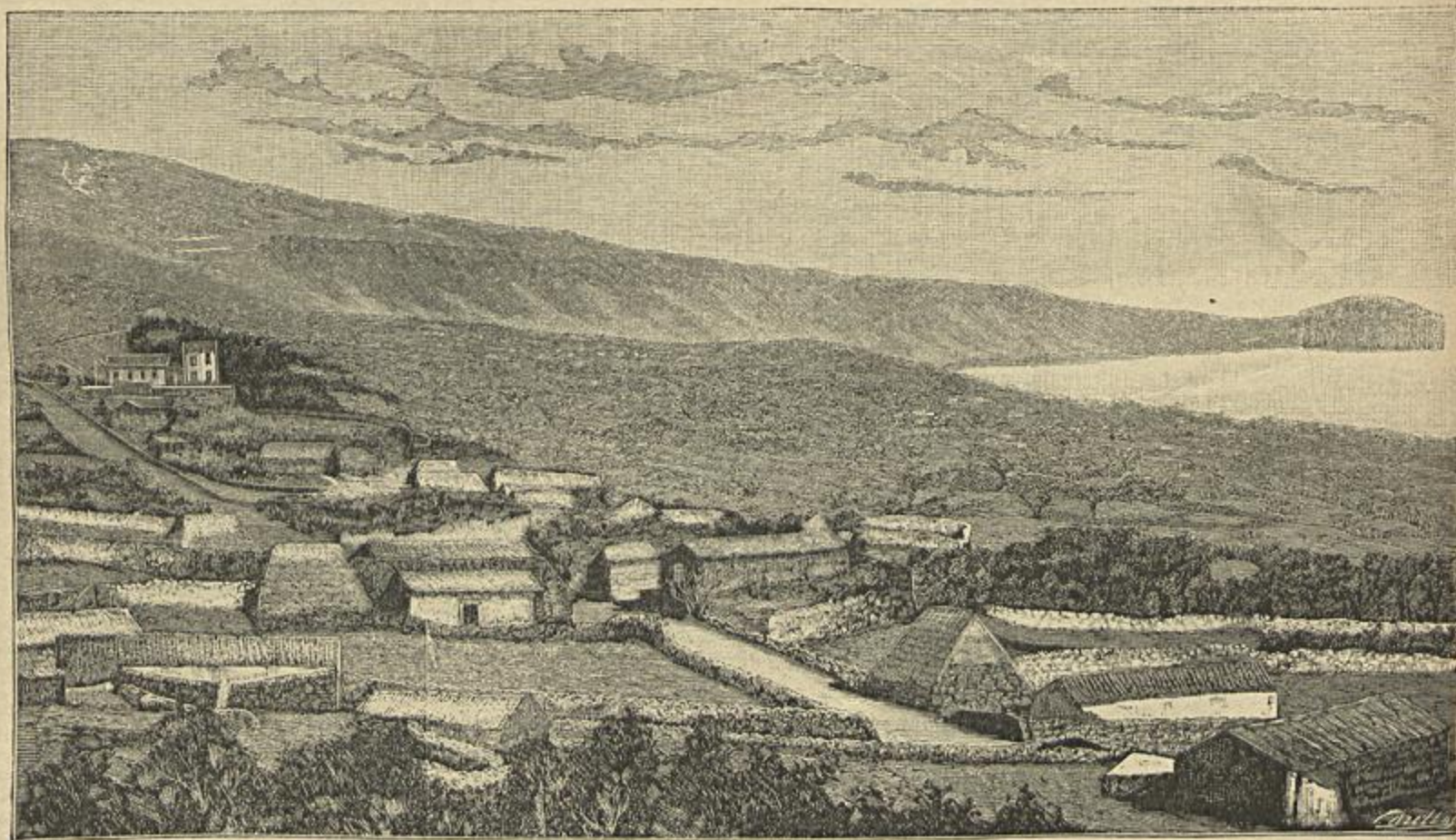
Devastados ficaram os portos e freguezias denominadas dos Cinco Ribeiros, dos Doze Ribeiros, Serreta e Raminho. Ainda em S. Matheus um individuo de nome Francisco Bernardo, foi colhido por uma volta de mar que o arrastou para o Oceano.

Na villa da Lagôa causou o temporal grandes prejuizos pois que o mar derrubou predios e alagou extensas plantações.

Foram tão importantes estes e outros prejuizos, tanto, que o director das obras publicas de Angra do Heroismo calculou em duzentos contos os estragos causados nas estradas e outras dependencias das obras publicas d'aquelle districto.

Dos destroços da freguezia de S. Matheus (ilha Terceira) reproduzimos uns trechos em duas gravuras, copias d'umas photographias enviadas d'alli.

N'essa tempestuosa manhã, de 28 d'agosto, cen-



ILHA DO FAYAL — VISTA DA BAHIA DO VARADOURO E FREGUEZIA DO CAPELLO

(Copia d'uma photographia)

tenas de familias ficaram reduzidas á miseria, sem pão e sem abrigo. O temporal arrastando supportes das estradas, arrazando os campos, destruindo as moradias, arruinou tudo sobre o que passou e produziu uma crise de tal modo importante que bastantes esforços se tem envidado, já abrindo subscrições, já organisando festas em beneficio de tantas victimas. São duas as commissões principaes a da *Imprensa* e a *Açoriana*.

Importantissimos são os donativos, e o dinheiro enviado para alli sobe já a algumas centenas de mil réis. A commissão açoriana apresentou n'uma das suas sessões uma moção ao governo para que elle attendendo á extensão da calamidade applicasse uma verba especial no anno economico de 1892-1893, á reparação dos prejuizos causados pelo cyclone.

A commissão da *Imprensa*, solicitando a protecção de Suas Magestades as Rainhas, trata de levar a effeito algumas festas de caridade, distinguindo-se uma grande tourada na Praça do Cam-

bre as ilhas do grupo occidental do archipelago açoriano, não só assolou a ilha Terceira, mas a do Fayal, Pico e S. Jorge soffreram bastante. No Fayal, desgraças fôram avultadas. Na bahia do Varadouro o mar fez naufragar uma barca italiana e um lugre americano carregado de madeira, sendo a tripulação salva a muito custo. Na freguezia da Feiteira o vento levou treze casas e na do Capello, tambem, causou estragos importantes.

A casa da guarda fiscal, na praia do Fayal soffreu grandes destroços sendo os habitantes salvos com difficuldade.

D'esta importante ilha, cuja capital é a cidade da Horta, reproduzimos em gravura uma vista; é esta ilha fertilissima e a sua população é de mais de trinta mil habitantes, está a uns cem kilometros ao OSO, da Terceira e a 7 NO. da do Pico. Tem um clima bastante temperado em qualquer estação, mui saudavel, tendo produções mimosas e bastante gado. Tem boa laranja e exporta muitos legumes, etc., para o Pico e outras.

Havia seculos que Malaca fôra fundada por emigrantes javanezes, que a tinham convertido ao mahometanismo, e que luctaram por muito tempo contra os reis de Sião, que então dominavam a peninsula toda. Tornara se afinal exclusivamente um centro de commercio, a que affluam negociantes de todas as nacionalidades, a cada uma d'essas nacionalidades correspondia um capitão do porto ou Shah-i-Bandar (os Xâbandares das chronicas portuguezas).

Quatro encontrou Affonso de Albuquerque, um para os Chinezes, outro para os Guzarates, outro para os Bengalis, outro para os Javanezes. Tomada Malaca, Albuquerque a todos protegeu, menos aos Javanezes mussulmanos, e ainda assim só fez excepção para estes quando percebeu que não podia contar com a sua boa vontade. A politica de Affonso de Albuquerque foi ali verdadeiramente admiravel. Ao passo que estabelecia rijamente o dominio portuguez, tornava o commercio facil a todos, enchia de favores e de amabilidades os



COMMENDADOR FREDERICO CORREIA LIMA — CONSUL INTERINO DE PORTUGAL NO RIO DE JANEIRO

(Cópia de uma photographia)

po Pequeno, um festival no formoso jardim da Estrella, etc., etc.

Uma commissão de senhoras, convidadas por S. M. a Rainha, tratam de promover uma kermesse em Cascaes. Esta festa em que predomina o elemento aristocratico deve attrahir á antiga villa de Cascaes bastante concorrência com grande beneficio para tão humanitaria obra.

Sympathica duplamente, já porque as nobres damas açorianas empenhadas devem ser secundadas pelo cavalheirismo dos portuguezes, já porque o povo luzitano nunca deixou de concorrer a estes festivaes de caridade, offerecendo quanto pôde, e mostrando brilhantemente quanto elle sabe comprehender a intenção e quanto procura corresponder á iniciativa gentil, e então elle é grande, é sublime, porque dá quanto possui, não querendo para si senão a ideia de que minora desgraças e dôres a seus irmãos, e mostra quão grande é a alma e quão nobres as acções d'este povo, que sendo primitivamente todo feito de heroes sublimados pôde tornar se hoje um povo de homens de bem e generosos, porque se, nem todos podem ser felizes, comtudo todos podem ser bons.

O cyclone, como dissemos, tendo pairado so-

O seu nome vem das muitas fayas que no tempo dos primeiros donatarios a cobriam em grande parte.

Os seus habitantes, são quasi todos, segundo o escriptor Monteiro, de alta estatura, bastante engenhosos, e dados a divertimentos, tanto dansas como qualquer genero de passatempo, e são laboriosos como o todos os naturaes dos Açores.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE APRECIADO PELOS INGLEZES

IV

A conquista de Malaca é tambem apreciada com alto louvor pelo snr. Morse Stephens. Não desconhece elle que a occupação d'essa cidade punha tambem nas mãos dos portuguezes o commercio do Extremo Oriente, e especialissimamente o das especiarias que vinham das Molucas, e que, a bordo dos navios arabes, atravessavam impunemente o mar das Indias, sempre que podiam escapar aos magros cruzeiros portuguezes. Demais Malaca era um reino mahometano, e a sua destruição entrava no plano politico do grande conquistador.

chinezes, mandava enbaixadores ao rei de Sião e organisava a exploração maritima da Oceania raccomandando expressamente aos navegadores que enviava, Antonio de Abreu e Francisco Serão, que não fizessem uma unica preza e que não tratassem senão dos intentos scientificos da sua viagem.

Feito isto, assegurado o dominio de Goa que ainda teve de soccorrer contra o cerco do seu antigo possuidor, voltou a firmar o seu dominio em Ormuz, o que facilmente conseguiu, não sendo igualmente feliz quando pretendeu assenhorear-se de Aden, pondo assim nas mãos dos portuguezes as chaves do Mar Vermelho. Ao mesmo tempo conseguiu fundar uma fortaleza em Calicut, o que tinha a importancia extrema de ser por assim dizer o sello e a affirmação do definitivo triumpho portuguez. O nosso figadal inimigo curvava-se emfim diante da nossa força e do nosso prestigio.

Não conseguiu igualmente Affonso de Albuquerque fundar uma fortaleza em Diu, coisa que em Portugal tanto se desejava, mas parece que o não lamentou muito. Percebia o grande homem que era cedo de mais para que o dominio portuguez se ampliasse tanto. As forças eram poucas. Em Goa, e em Malaca ia elle tratando de as desenvol-

ver; já em Malaca se serviu de tropas indígenas, já em Goa se ia levantando para a sua expedição do Mar Vermelho, mas tudo isso estava muito incipiente ainda, e os soldados que vinham do reino já não chegavam para tão dilatadas empresas. Por isso também vemos Albuquerque não se obstinar nos seus ataques ás fortalezas do Mar Vermelho, nem fazer questão essencial da construção da fortaleza em Diu, Goa, Malacas e Ormuz bastam-lhe evidentemente. Na construção da fortaleza de Calicut vê apenas uma victoria moral cuja importancia reconhece.

Mas o seu pensamento acerca do modo como os Portuguezes podiam e deviam dominar na Asia é mais profundo e mais grandioso. Vimos já como elle procura de todos os modos conciliar os interesses dos povos com quem lida. Apesar do seu odio aos Mussulmanos, vimos que não hesitava em favorecer a seita Shiah contra a seita Sunnita, promettendo a aliança do catholico rei de Portugal a sectarios de Mahomet. Agora, na sua ida ao Mar Vermelho, vêmol o também acariar o pensamento de se ligar com o Prestes João, com o *nigús* da Abyssinia, para levar a cabo uma empresa maravilhosa, a de desviar o curso do Nilo para o Mar Vermelho, privando assim o Egypto das suas fecundantes inundações.

Cheguemos porém ao fim d'este rapido estudo, e mostremos no seu conjunto o modo como o illustre escriptor inglez aprecia as concepções politicas e a acção de Albuquerque.

V

Por mais de uma vez o sr. Morse Stephens lembra a proposito das acções de Affonso de Albuquerque os actos praticados por algum dos mais importantes chefes inglezes. Quando mostra que Albuquerque mais de uma vez teve de sacrificar os seus planos politicos á necessidade de mandar para Portugal navios com a carga que era inciosamente esperada, lembra que também Warren Hastings tinha de attender principalmente aos interesses da companhia mercantil que servia; quando narra as intrigas dos que persuadiram a D. Manoel que Affonso de Albuquerque pensava em estabelecer um poder independente para si, na India, lembra que as mesmas estupidas intrigas procuraram embaraçar os sensatos planos do marquez de Wellesley, irmão de lord Wellington, que foi um dos que mais contribuíram para enraizar na India o poder da Inglaterra.

Quando falla na necessidade que tiveram os Portuguezes de estabelecer o seu dominio pela força na India, affirma que foi bem involuntariamente como involuntariamente o estabeleceram também depois os Hollandezes e os Inglezes. Os tres povos queriam sobretudo os lucros do commercio. «Mas, diz Morse Stephens, as causas que produziram a erecção dos imperios hollandez e inglez na Asia differem n'um ponto das que produziram a erecção da potencia portugueza. Aquelles originaram-se na necessidade de quebrar o monopolio portuguez do commercio asiatico, este ultimo na necessidade de destruir o monopolio mahometano. E pode notar-se incidentalmente que os Portuguezes tiveram a mais difficil tarefa. Tiveram de quebrar a ligação mahometana com todo o Oriente, com a Persia e com as ilhas das Especiarias assim como com a India. Os seus meios não eram tão adequados como os dos Inglezes e dos Hollandezes, porque tinham de fazer a difficil passagem á roda do Cabo da Boa Esperança com mais pequenos navios, e os seus recursos para a guerra eram mais fracos do que os dos seus successores.»

Observa também que o livro de Kinud-din bem mostra como estavam organisadas as comunidades dos negociantes arabes, dos *moplas*, que se mantinham independentes dos soberanos hindús, e que podiam perfeitamente ter chegado a accordo com os Portuguezes; mas que foi o seu ciúme intransigente que despertou as hostilidades. Nota que Albuquerque se mostrou primeiro brando com os Mussulmanos em Goa e em Malaca, mas que a tomada de Goa por Adil-Schah, e a sublevação dos Javanezes em Malaca, tinham sido tão evidentemente devidas a elles que a severidade de Albuquerque foi plenamente justificada.

Com os Mussulmanos da India não podiamos pois conciliar nos, com as potencias mussulmanas do Mediterraneo mais intransigentes tinhamos de ser. Corriamos risco de ser esmagados n'essa formidavel lucta, e valeu-nos muito a discordia entre o sultão mameluko do Egypto e o sultão Selim I da Turquia, e também a má vontade do shah da Persia Ismail para uns soberanos mahometanos também, mas por elle considerados como hereticos.

Em pontos geraes, diz Morse Stephens concor-

da a politica de Albuquerque, de D. Francisco de Almeida, e de El-rei D. Manuel: interceptar a memoria da India com o mar Vermelho, occupar com fortalezas os pontos principaes da costa de Malabar, e fazer tributarios ao menos os rios cujo territorio se não estabelecessem fortalezas.

«Mas, diz Morse Stephens, a politica da colonisação de Albuquerque é unica na historia dos europeus na India. teve nos seus resultados um immenso alcance e influenciou as condições actuaes dos portuguezes na India. A sua noção de um imperio oriental differia inteiramente da que foi adoptada nos seculos subsequentes pelos inglezes. Elle não tinha horror aos casamentos mixtos nem antipathia pelas meias castas. Pelo contrario fez tudo quanto pôde para crear uma raça de portuguezes de meia casta. Quando Goa foi tomada pela segunda vez, procurou induzir o maior numero de portuguezes possível a casarem com mulheres indígenas e especialmente com as mulheres dos Mahometanos que elle matara. Presidiu elle mesmo a esses casamentos, e deu dotes aos pares que casavam como elle desejava. A classe que elle especialmente animou foi a dos artifices que tinham sido mandados de Portugal como calafates e carpinteiros de naus, cordoeiros e operarios de arsenaes e dokas. Também instava muito com os artilheiros para que se casassem.»

«O seu intento com esta politica era formar uma população que fosse a um tempo leal a Portugal e contente por se fixar na India. Effectivamente percebe-se que os officiaes desejassem voltar á Patria, mas europeus de classe inferior eram tão valiosos que se lhes não podia consentir que escapassem.»

Observa Morse Stephens que esta politica de colonisação encontrava muitos inimigos em Portugal e entre os portuguezes da India, mas escreve, com rara sensatez e finura um trecho, que é perfeitamente justo e perfeitamente sensato ou pelo menos assim o temos considerado nós que ha largos annos temos feito no nosso paiz identicas affirmações, não sonhando sequer encontrar uma tão breve e inesperada adhesão em tão authorisado escriptor estrangeiro que de certo não conhecia o que tinhamos escripto:

«Foi um dos seus projectos favoritos, e accommodava-se bem ás inclinações do povo portuguez. Parece-nos que nenhuma outra raça de tão bom grado se casa com raças alheias como a Portuguezes. No proprio Portugal restam ainda muitos vestigios na physionomia do povo do casamento, do fondo originario com os descendentes dos Mouros e até dos negros escravos que foram largamente importados; no Brazil parte importante da população descende de casamentos mixtos entre os colonos Portuguezes e as tribus aborigenas; e na India, os Portuguezes de meia casta formam uma reconhecida secção da população christã. Estes homens e estas mulheres parecem-se mais com os indígenas do que com os Europeus, e muitas vezes parecem ter só uma pequena quantidade de sangue Europeu.»

São esses porem os que sustentam o Padroado e se afferram com amor á bandeira portugueza, são esses os que em Ceylão espantam os estrangeiros que não esperam encontrar alli os nomes portuguezes, a lingua portugueza, o amor e tradição de Portugal. Se essa politica de Albuquerque podesse ter sido sustentada e seguida por homens do seu valor, quando apparecessem os Hollandezes e os Inglezes encontrariam o Malabar transformado n'um imperio luso-oriental, menos brilhante é certo, mas mais solido talvez do que o imperio anglo oriental que os Warren Hastings e os Wellesley fundaram com processos bem diversos.

Mas não é só isso o que enthusiasma Morse Stephens, enthusiasma-o vêr como Affonso de Albuquerque aproveita habilmente a organização indiana, respeita e conserva as comunidades das aldeias, como precede os Inglezes na reunião das attribuições fiscaes com as attribuições judicias, precede ainda os mesmos Inglezes na criação de empregados europeus que são perfeitamente os que os Inglezes depois instituíram com denominação de collectores dos districtos, como soube aproveitar as tropas indígenas que combatem valentemente debaixo das ordens portuguezas, como soube aproveitar os indígenas não só para officios que já desempenhavam antes da conquista, mas até para se empregarem na propria administração portugueza, também n'isso precedendo os Inglezes, como soube conciliar a boa vontade dos indígenas reduzindo os impostos estabelecidos pelo soberano mahometano de Bidjápúr ao que eram no tempo dos soberanos hindús, mas estipulando ao mesmo tempo que, logo que algum contribuinte deixasse atrazar o pagamento dos impostos, seria logo taxado pela tarifa maho-

metana. Louva o emfim pela tolerancia religiosa que mostra, porque, apesar de ser sinceramente e ardentemente piedoso, nem foi no seu tempo que principiou, a febre da propaganda missionaria, e ainda menos a da perseguição catholica. E finalmente, nobremente reconhece que Affonso de Albuquerque teve mais coragem do que os inglezes para affrontar os costumes indígenas, quando se tratava de uma questão sagrada de humanidade. Citemos em inglez esta notavel homenagem:

«*He dared to prohibit in the island of Goa the practice of SATI or widow burning, which was not abolished in British India until the governorship of Lord William Bentinck 1829.*» «Atreveu-se a prohibir na ilha de Goa a pratica das *Sati* ou queima das viúvas, que não foi abolida na India Ingleza senão no governo de lord William Bentinck em 1829.»

Ainda Morse Stephens nosagra um capitulo justissimo e resto dos dominios portuguezes na India, capitulo que intitula *Os successores de Albuquerque*, e que leva até á queda de Portugal nas garras da Hespanha, mas nós quizermos simplesmente pôr em relevo a larga e brilhantissima homenagem prestada pelos Inglezes a esse grande vulto portuguez, que conseguiu dominar a India melhor do que todos os *rulers* britannicos com todas as forças de que dispozeram. Em Portugal foi necessario que um simples particular tivesse uma generosa idéa para que se prestasse homenagem a um Portuguez, que os Inglezes nossos successores e adversarios reconhecem como um dos grandes vultos da civilisação europeia na India. Que saibam ao menos os leitores do Occidente pelo extracto que fizemos d'esta obra nobilissima e notabilissima que não é o *chovinismo* que inspira a admiração que ainda em Portugal alguém vota a Albuquerque, mas que foi elle effectivamente um desses vultos extraordinarios de que se gloria uma nação, de que se ufana a humanidade.

Pinheiro Chagas.

O CORSARIO PORTUGUEZ ANTONIO VALLADARES

No incessante investigar a que nos entregamos, entre diversos documentos curiosos, que inopidamente ou pensadamente encontramos, appareceu-nos o seguinte escripto francez que se refere a um corsario portuguez, mui celebre, Antonio Valladares, a quem os francezes, para melhor pronuncia chamaram: Antonio Balidar.

Segundo vemos, Antonio Valladares nasceu na antiquissima cidade de Guimarães Tendo, ainda muito novo, sentado praça nos regimentos do Porto, que iam, n'aquella epoca, fazer com os hespanhoes guerra ás tropas francezas, durante a invasão da península, foi feito prisioneiro e conduzido para França.

O desejo de se assignalar contra os inglezes, a cuja politica attribuia uma parte dos males que avassalavam então o nosso desolado paiz, levou-o bem depressa á vida de corsario, nos navios dos corsarios da Mancha, e é d'esta epoca que data a reputação que adquiriu n'uma carreira completamente nova para elle e para a qual não tinha sido destinado. Ler a pequena narração dos seus actos de heroismo e as suas acções de grande generosidade, é uma homenagem que se deve prestar ao heroe portuguez, e a que juntamos o nosso humilde concurso, tornando conhecido o escripto do sr. Eduardo Corbière.

I

Durante as ultimas correrias dos corsarios francezes, na Mancha, o nome d um capitão se tornou, de subito, celebre, entre os outros nomes notaveis dos capitães, mas celebre á maneira do tempo, pois o povo repetia este nome sem o ter vez alguma lido em um unico livro ou artigo de jornal; os marinheiros pensando nas suas historias maritimas e os habitantes dos portos de mar repetiam-no mil vezes por dia desde Brest até Dunkerque: era então alli que alcançavam a maior gloria os heroes da marinha mercante e a fama das suas bellas acções navaes os francezes. Se n'esta epoca, existissem outros jornaes que não fossem as folhas escravas do governo, a imprensa livre não teria deixado de celebrar Antonio Valladares, assim como, depois, illustrou outros. Mas como n'este bom tempo de submissão e de taciturnidade periodicas, a imprensa era muda e a historia muito preguiçosa, foi, pois, ao escriptor francez, Eduardo Corbière, a quem coube fallar da vida maritima d'um dos homens mais notaveis que os historiadores nauticos não podiam esquecer nas suas historias aristocraticas. Diz elle: ainda eu não tivera ouvido pronunciar o nome do ma-

Nas mais pequenas coisas se revela essa tendencia, cada vez mais pronunciada, pelo menos em certos espiritos, como por exemplo o do noticiarista que escreveu a seguinte local, que lêmos em um jornal da tarde, epigraphada com a palavra homenagem, em grossas letras bem visiveis.

«Para collocar na sua camara o retrato que lhe foi offerecido por Sua Magestade El-Rei, o commandante do couraçado russo Nicolau I mandou fazer uma rica moldura.»

Ora El-Rei o Sr. D. Carlos deve ter ficado muito lisongeadado ao saber que o seu retrato mereceu a HOMENAGEM de ser encaixilhado em uma RICA moldura em vez de algum *passé-partout* de quatro vintens.

Sempre ha cada pacovio de noticiarista cá por este mundo. *João Verdades.*



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Catalogo dos livros do assentamento da gente de guerra que veio do Reino para a India desde 1731 até 1811 pelo bibliothecario J. A. Ismael Gracias. Nova Gôa. Imprensa Nacional 1893. — Abre o curioso livro, uma ordem do governador geral. Conselheiro Francisco Teixeira da Silva, na qual louva o illustrado bibliothecario pelo seu importante trabalho de investigação historica.

Para bem se avaliar quão notavel é este trabalho; transcrevemos os seguintes periodos d'um pequeno relatório dirigido pelo sr. bibliothecario ao ex.^{mo} sr. conselheiro Francisco Teixeira da Silva,

«Em virtude das ordens de v. ex.^a, dadas sobre proposta do digno secretario de fazenda (1), e constantes do officio da secretaria geral, datado de 15 de dezembro ultimo, foram transferidos, no dia 21 do mesmo, do archivo de fazenda para esta bibliotheca, 89 livros MSS., denominados do assentamento da gente de guerra que veio do Reino para a India desde 1731 até 1811.

Passando uma ligeira vista sobre esses enormes in folios, muitos dos quaes se acham em lamentavel estado de deterioração (2), observei que, não obstante as faltas e lacunas que accusam, contém authenticos e valiosos elementos:

para a historia militar da provincia durante aquelle periodo, intervallado ora de grandes revezes e pesados infortunios, como a perda da famosa Baçaim, da fertilissima ilha de Salcete e das importantes terras e fortalezas do Norte, — ora de vividos lampejos de gloria, a illuminarem a conquista da dilatada região de ininterrupta primavera, que se estende desde a beira-mar até ás cumiadas dos Gates, arredondando os dominios de Portugal em Goa; —

para reconstruir a genealogia de numerosas familias de descendencia européa, fortalecer as tradições e attestar os serviços de seus maiores á Nação; e, principalmente,

para mostrar os generosos soccorros com que a Metropole acudia á restauração das suas possessões indianas, e o Poder maritimo portuguez de outras éras, que teve seus aureos dias, cantados por um illustre poeta:

Então por longo tempo o Tejo ufano
Fez dos seus lenhos acurvar com o peso
Os hombos do Oceano,
Então Neptuno vio em raiva acceso
Nos ares fuzilar as sacras quinas.

Qualquer d'estes objectivos é por igual interessante. Ainda se não escreveu a historia completa da India Portugueza, nem mesmo se proseguiu nas monumentaes *Decadas* de Barros e de Couto, servindo o muito que aliás está avulsamente publicado, de subsidios a quem se consagra a tão immensa, como primorosa tarefa. E

quanto á genealogia, é indiscutivel o seu valor historico, sem distincção de ser de patricios ou de plebeus, porque só aquellos não podem ter uns antepassados de que se honrar, ou uma longa successão de virtudes a perpetuar; e para estes ha um notavel exemplo de zelo pela guarda das memorias de familia, não direi nas estemmas de Mucio Scevola e de Paulo Emilio, mas no benememerito inventor de pára-raios e autor da liberdade da America — Benjamin Franklin — o qual, sendo filho d'um humilde operario de origem ingleza, e podendo applicar-se o *genus meum a me incipit*, não quiz comtudo morrer, sem ter pessoalmente verificado e coordenado pelos registos parochias da *fatherland*, a sua linha ancestral.

Par tudo isso, e para fazer conhecido dos estudiosos o abundante material de informações que podem encontrar nos livros a que alludi, elaborei o catalogo junto com pequenos extractos, addicionando lhes com o auxilio de publicações e documentos inéditos, alguns transcriptos na integra, noticias de immediata referencia, — catalogo que tenho a honra de submeter á esclarecida apreciação de v. ex.^a. E, comquanto seja o primeiro a reconhecer a insignificancia do presente trabalho, não duvido da sua utilidade, como apontamento



DUQUE D'UZÉS

para o estudo e investigação historica que os curiosos podem prefazer com a consulta dos livros coevos do archivo da secretaria geral do governo.»

Todo o catalogo, é profundamente cheio de notas em que se revelam estudo e erudição do sr. Gracias. Entre os apontamentos mais notaveis de alguns dos livros referidos, distingue o illustre bibliothecario as seguintes indicações referentes ao nosso grande poeta Bocage que como subsidio a estudiosos e prova do valor do trabalho a que alludimos nós transcrevemos:

LXV — LXVI — Monção de 1786. — Nãos: N. Sr.^a da Vida, Santo Antonio e Magdalena, commandante José Rodrigues de Magalhães, e Senhor do Bomfim e S. Thiago maior, sahiram abril e chegou a primeira 28 de outubro de 1786

Nesta monção e na mesma primeira não veio o governador e capitão general Francisco da Cunha e Menezes; e bem assim o poeta Bocage, cujo assentamento é o seguinte:

Manoel Maria Barbosa Hedoís de (sic) Bocage, filho de Luis Soares Barbosa e de D. Mariana Joaquina Xavier de Bocage, natural de Setubal, da idade de 21 annos.

Nota á n.ªrgem — Despachado com o posto de guarda-marinha para o dito Estado por carta de 4 de fevereiro, registada na Casa da India, no livro das mercês para o ultramar, fl. 5 v.

No anno de 1787, matriculou-se o guarda-marinha Bocage na antiga aula real da marinha, mas não fez exame por causa legitima; matriculou-se pela segunda vez em 1788, mas não frequentou por causa legitima (*Livro dos Assentos* das entradas dos discipulos, noticia por T. Mourão no *Almanach litterario*, de 1867, por A. J. Frederico Gonçalves de Figueiredo, pag 38).

Na informação dos officiaes do corpo de marinha, dada em 17 de fevereiro de 1788, pelo commandante Vasco Luis Carneiro de Souza e Faro, se lê o seguinte — Manoel Maria de Barbosa guarda marinha — anno de serviço 1 — Antiguidade, 15 de novembro de 1786 — Informação, tem viveza e bom procedimento = (L.^o das monções, n.^o 168 a fl. 304).

Por portaria do dito governador e capitão general, de 25 de fevereiro de 1789, foi nomeado, em attenção aos seus *mereciment s e serviços*, tenente d'infanteria da 5.^a companhia do regimento da guarnição da praça de Damão, de que obteve carta patente em 26 do dito mez. Embarcou para Damão em 8 de março subsequente na fragata *Sant'Anna e S. Joaquim*, do commando do capitão de mar e guerra Felix José Tinoco da Gama. Chegou a Damão em 6 de abril, em que tomou posse, e no dia 8 se ausentou, como informou o governador da praça Antonio Leite de Souza pelo seguinte officio, dirigido ao mesmo governador e capitão general:—

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Com a chegada da fragata *Sant'Anna*, desembarcou para esta praça Manoel Maria Barbosa, provido por V. Ex.^a em tenente para a 5.^a companhia do regimento d'ella, e sentando praça no mesmo dia que desembarcou, se ausentou no dia 8 do corrente, com o alferes da 1.^a companhia Manuel José Dionisio, saindo ambos pela porta do campo. Não posso dizer a V. Ex.^a do motivo do primeiro, e do segundo só attribuo ás muitas dividas que adquiriu n'esta praça, de varios, para seus jogos, que vim a saber depois da sua fuga.

«Eu senti bem essa fuga, porque estou sem officiaes para o serviço, visto haver muitos vagos no regimento, e dois absolutamente incapazes para todo o serviço, que é o capitão D. Antonio de Menezes, da 6.^a companhia, e o alferes da 1.^a companhia de sipaes, Luis da Costa Franco, de que dei conta a V. Ex.^a

«A Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Pessoa de V. Ex.^a guarde Deus muitos annos. Damão 21 de abril de 1789. Antonio Leite de Souza» (L.^o da corrisp. do e com o gov. de Damão, 1786 a 1789).

F. N. Xavier publicou no *Archivo Universal*, n.^o 20 de 1861, e na *Illustração Goana*, 1.^o vol., 1865, uma noticia da vinda do poeta a Goa e da sua volta a Lisboa por Macão, para servir de nota ao estudo biographico e litterario por L. A. Rebelo da Silva, impresso no 1.^o vol.

das obras de Bocage, editadas por Innocencio Francisco da Silva.

Não ha mais noticias de Bocage em Goa a Damão »

No fim de tão curioso catalogo, encontra se um indice de todos os individuos de quem se encontra noticia nos *livros do assentamento*. É mais uma prova evidente da boa elaboração e proficiencia do sr. Ismael Gracias, a quem felicitamos por tão bello exito — a compilação de obra tão valiosa.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Está quasi a concluir a impressão d'este almanach.

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho. Modesto & C.^a, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39

(1) O sr. José Navarro de Paiva Pereira d'Andrade.
(2) Foram novamente encadernados todos os livros, abandonando a fazenda a verba de 1892:00 — junho de 1893.